

Armas de fogo e masculinidade: quem está se armando no Brasil?

Firearms and masculinity: who is getting armed in Brazil?

ROBERTO UCHÔA DE OLIVEIRA SANTOS

RESUMO

A violência com uso de armas de fogo tem sido uma preocupação constante no Brasil ao longo dos anos. Os homens não apenas constituem a maioria das vítimas desses crimes, mas também são os principais compradores de armas no país. Para compreender por que buscam armas de fogo, é fundamental entender a ligação entre masculinidade e armamento. A utilização dessas ferramentas como forma de reafirmação de status é uma das principais motivações, juntamente com a proteção pessoal, que impulsiona os homens a possuírem armas. Para aprofundar o conhecimento sobre esse perfil, foram analisados e comparados dois estudos sobre o tema realizados no país: as pesquisas de Keinert (2006) e Santos (2021). A comparação desses estudos, realizados em momentos distintos e com amplitudes geográficas distintas, revelou que os indivíduos que buscam armas de fogo são predominantemente homens, brancos, de renda média, com ensino médio, e que preferem armas curtas. Com as mudanças na política de controle de armas de fogo no Brasil, vigentes entre 2019 e 2023, houve um aumento significativo na procura por armas. Para compreender melhor esse público, foram analisados dados do recadastramento de 962.783 armas de fogo realizado em 2023, os quais indicam que os homens continuam sendo os principais compradores de armas e que muitas foram adquiridas em regiões onde há forte presença do agronegócio.

Palavras-chave: Masculinidade; Armas de fogo; Brasil.

ABSTRACT

Gun violence has been a constant concern in Brazil over the years. Men not only make up the majority of victims of these crimes, but they are also the main buyers of guns in the country. To understand why they seek firearms, it is essential to understand the connection between masculinity and weaponry. The use of these tools as a way of reaffirming status is one of the main motivations, along with personal protection, that drives men to own guns. To deepen the knowledge about this profile, two studies on the subject carried out in the country were analyzed and compared: the research by Keinert (2006) and Santos (2021). The comparison of these studies, carried out at different times and with different geographic scopes, revealed that individuals who seek firearms are predominantly white, middle-income men, with high school education, and who prefer handguns. With the changes in firearm control policy in Brazil, in effect between 2019 and 2023, there was a significant increase in the demand for guns. To better understand this audience, data from the re-registration of 962,783 firearms carried out in 2023 were analyzed, which indicate that men continue to be the main buyers of weapons and that many were acquired in regions where there is a strong presence of agribusiness.

Key words: Masculinity; Firearms; Brazil.

INTRODUÇÃO

A violência armada é um problema considerável no Brasil. Os homicídios por armas de fogo aumentaram constantemente desde 1980, quando ocorreram 6.104, chegando a seu auge no ano de 2017, quando 44.828 pessoas morreram dessa forma (Santos, 2021). Apesar de nos anos seguintes ter ocorrido uma queda nesses números, ainda permanecem em patamar muito alto, com um total de 33.039 em 2021 (Cerqueira; Bueno, 2023). Além disso, se em 1980 43,9% dos homicídios eram cometidos com uso de armas de fogo, esse percentual também cresceu ao longo do tempo, chegando em 2017 ao pico de 72,4%, mantendo-se constante desde então.

As taxas de homicídios envolvendo armas de fogo no Brasil são muito superiores às de muitos países. Com uma taxa anual de 15,4 por cada 100.000 habitantes, é cinco vezes maior que a dos Estados Unidos e 150 vezes superior à de outros países de renda alta (Grinshteyn; Hemenway, 2016). Segundo dados divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública no Anuário de Segurança Pública de 2022, o Brasil foi responsável em 2020 por 20,4% dos homicídios ocorridos no mundo, e uma das associações mais marcantes relacionadas à violência armada é que os homens constituem a maioria de suas maiores vítimas. De fato, em 2021, 91,3% das vítimas de violência armada eram homens (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022).

Além disso, segundo estudo do *Federal Bureau of Investigation* (2021), os homens representaram 10.335 dos 16.245 perpetradores de todos os homicídios cometidos em 2019 nos Estados Unidos, 79% dos quais foram cometidos com o uso de armas de fogo. O sexo de 4.502 perpetradores era desconhecido e apenas 1.408 eram do sexo feminino. O baixo índice de solução de homicídios no Brasil — que, segundo estudo do Instituto Sou da Paz (2023), foi de apenas 35% em 2021 — e a falta de um banco de dados nacional unificado impossibilitam saber a realidade brasileira, mas é provável que não seja muito diferente da americana.

Um fator importante é que além de serem as principais vítimas de homicídios por armas de fogo, os homens também são os que mais possuem armas de fogo (Keinert, 2006; Santos, 2021). Dado que o acesso a uma arma de fogo é um pré-requisito necessário para a violência armada, é importante entender os fatores associados à posse de armas — particularmente, fatores relacionados às razões pelas quais os homens têm maior desejo por armas em comparação com as mulheres.

A interseção entre masculinidades e o uso de armas de fogo é um tema complexo e controverso que requer uma análise crítica detalhada. As masculinidades são construções sociais que pressionam os homens a conformarem-se com normas e expectativas rígidas da masculinidade tradicional, como ser agressivo, emocionalmente distante e dominante. Essas pressões sociais podem criar um autoconceito frágil nos homens, levando-os a buscar validação por meio de comportamentos que estejam alinhados com essas normas, incluindo o uso de armas de fogo.

Na literatura acadêmica, autores há muito documentam e relatam as conexões entre armas de fogo e masculinidade (Borgogna, Mcdermott, Brasil, 2022; Moura, Pureza, Santos, 2018; O’Neill, 2007; Scaptura, Boyle, 2022; Stroud, 2012), mas pouco se conhece sobre quem são as pessoas que estão em busca de armas de fogo no Brasil e suas motivações.

O objetivo do presente estudo foi analisar e comparar dados obtidos de diferentes fontes e em momentos diversos para buscar uma compreensão melhor sobre quem são as pessoas que adquiriram armas no Brasil nos últimos anos. Embora o discurso popular sugira que as armas de fogo “empoderam” as mulheres e aumentam sua segurança, o que as pesquisas mostram é exatamente o oposto, que a presença de armas de fogo as deixa ainda mais fragilizadas.

Frente à carência de pesquisas sobre o assunto, este estudo visa ampliar o entendimento sobre o perfil das pessoas que procuram por armas de fogo no Brasil e para onde as armas estão indo. Esses dados, que não são facilmente acessíveis, têm sido

disponibilizados somente por meio de estudos como os de Keinert (2006) e Santos (2021). Com a análise de informações adquiridas através da Lei de Acesso à Informação, pretende-se enriquecer o debate e contribuir para formulação de políticas públicas pertinentes.

O estudo será dividido em três partes. Na primeira será apresentada a metodologia utilizada no estudo, com foco na análise e comparação das pesquisas de Keinert (2006) e Santos (2021) e no uso de dados disponibilizados por fontes governamentais. A seguir a revisão da literatura sobre a relação entre masculinidades e armas de fogo, essencial para entender por que muitos homens vão em busca de armas de fogo e o que esperam com isso. Para tanto é importante entender o simbolismo das armas na sociedade e como elas são utilizadas como forma de compensação para masculinidades frágeis.

Após essa discussão, segue a análise e comparação das pesquisas de Keinert (2006) e Santos (2021) para entender se houve alguma mudança no perfil das pessoas que estavam em busca de armas de fogo. Com um lapso temporal de mais de uma década entre os estudos e em razão dos momentos políticos diferentes em que foram realizados, é possível conhecer um pouco mais sobre os proprietários de armas de fogo no Brasil.

Logo a seguir serão apresentados e analisados os dados relacionados à aquisição de armas de fogo entre 2019 e 2023. Os dados utilizados foram os obtidos durante o recadastramento obrigatório de armas de fogo adquiridas por CACs (caçadores, atiradores e colecionadores) entre 2019 e 2023. Os dados foram disponibilizados pelo governo federal através de solicitação via Lei de Acesso à Informação.

Na parte final serão discutidos os dados encontrados e feita uma análise a partir dos dados apresentados sobre quem são as pessoas em busca de armas de fogo no Brasil e onde elas estão.

1. METODOLOGIA

O presente estudo, de natureza descritiva, concentrou-se principalmente na utilização de técnicas quantitativas, alinhando-se à tradição metodológica que busca descrever e interpretar fenômenos sociais com base em informações mensuráveis (Gil, 2008). No entanto, o estudo também incorporou abordagens qualitativas, especificamente ao realizar uma análise crítica de estudos anteriores. Tal procedimento foi essencial para enriquecer a perspectiva interpretativa, o que permitiu uma compreensão mais ampla e contextualizada das dinâmicas relacionadas à investigação.

A adoção de um desenho metodológico híbrido com a combinação de análises quantitativas e qualitativas está em consonância com os pressupostos de autores como Creswell (2014), que enfatizam o benefício das abordagens mistas para capturar a complexidade de fenômenos sociais. Nesse estudo, a análise dos dados permitiu identificar padrões e tendências no perfil das pessoas que buscavam acesso a armas no país, enquanto a análise de conteúdo, como orientada por Bardin (2016), proporcionou uma base teórica para interpretar significados e narrativas nos estudos analisados.

A integração dessas abordagens metodológicas ampliou a capacidade do estudo de responder à questão central da pesquisa de forma mais robusta e detalhada. Enquanto os dados ofereceram uma visão geral e objetiva, a análise qualitativa possibilitou compreender os contextos e possíveis motivações, o que contribuiu para uma visão mais holística do fenômeno investigado.

Na primeira parte foi feita revisão bibliográfica sobre a relação entre masculinidades e armas de fogo, principalmente nos aspectos referentes à masculinidade precária, bem como estudos sobre fatores que moldam o comportamento e as práticas dos homens relacionadas a armas — incluídos os riscos específicos e o condicionamento social, cultural e ideológico do uso indevido de armas e suas ligações com a masculinidade.

Na parte seguinte e para melhor contextualização dos dados, estes foram apresentados com base em dois momentos. No primeiro momento foram analisados os trabalhos de Keinert (2006) e de Santos (2021) sobre as pessoas que tinham ou estavam em busca de armas de fogo. A abordagem de Keinert é importante por ser posterior à entrada em vigor do Estatuto do Desarmamento, aprovado em 2003, e essencial por ser o único estudo que permitiu conhecer um pouco mais sobre o perfil das pessoas que possuíam armas de fogo à época. A pesquisa de Santos — que teve o mesmo objetivo que Keinert, mas foi realizada em 2018 — teve como foco as pessoas que frequentavam clubes de tiro e viviam a expectativa de mudanças na legislação com a facilitação de acesso a armas. Essa análise permitiu aprofundar um pouco mais a questão ao incluir observações resultantes de um trabalho de campo nos clubes de tiro. Com a comparação entre os resultados obtidos pelos estudos foi possível conhecer um pouco mais sobre as pessoas e verificar o que permaneceu e o que mudou durante os 12 anos decorridos entre as pesquisas. Por serem as únicas realizadas com este objetivo e em razão da escassez de dados públicos sobre o tema, são as principais fontes de conhecimento sobre esse público.

Logo a seguir foram apresentados os dados relacionados a registros de armas de fogo adquiridas por CACs entre 2019 e 2023 e recadastradas em 2023. É a única fonte de

dados atualmente disponível que permite conhecer um pouco sobre quem eram essas pessoas e onde foram parar essas armas. Eles não têm a mesma profundidade de detalhes que os dados obtidos por Keinert (2006) e Santos (2021), mas são uma importante fonte de informações que serão analisadas e publicadas neste estudo.

2. MASCULINIDADE E ARMAS DE FOGO

2.1 - Ligação entre masculinidade de armas de fogo

Por várias décadas, a relação teórica entre masculinidade e armas de fogo tem sido amplamente estudada por pesquisadores. Diversos estudiosos, como O'Neill (2007), Stroud (2012) e Moura, Pureza e Santos (2018), sugeriram que a posse e o uso de armas de fogo estão profundamente enraizados na construção da identidade masculina. Stange, Oyster (2000), por exemplo, argumentaram que as armas de fogo representam o poder, a força, a agressividade, a determinação, a precisão mortal e a racionalidade fria dos homens. Esses autores sugerem que as armas de fogo simbolizam atributos tradicionalmente valorizados na masculinidade, servindo como um meio de expressar e afirmar esses traços.

Argumentos semelhantes têm sido apresentados por outros pesquisadores, que associam as armas de fogo a manifestações de agressão masculina, autossuficiência e dominação (Matson, Russell, King, 2019; Melzer, 2009; Scaptura, Boyle, 2022). Esses temas são conceitualmente análogos aos componentes da ideologia masculina tradicional, conforme descrito por Levant *et al.* (2013) e Levant, Richmond (2016). A posse de armas de fogo pode ser vista como um mecanismo através do qual os homens internalizam e externalizam os valores da masculinidade hegemônica.

Evidências empíricas apoiam esses argumentos teóricos. Um estudo recente conduzido por McDermott *et al.* (2021) sobre a posse de armas de fogo e a conformidade às normas de papel masculino encontrou uma correlação positiva significativa entre a posse de armas, ser branco, do sexo masculino, politicamente conservador e a adesão a normas masculinas que enfatizam a violência, a tomada de riscos e o poder sobre as mulheres. Esses achados sugerem que a posse de armas de fogo não é apenas uma prática individual, mas está entrelaçada com construções sociais mais amplas de raça, gênero e ideologia política.

A investigação qualitativa de Stroud (2012) sobre os motivos pelos quais os homens desejam possuir armas revelou que muitos relatam querer prover proteção a seus familiares,

compensar a perda de energia e de força e se protegerem de pessoas e lugares que consideram perigosos, incluindo indivíduos de minorias étnicas. Esses resultados destacam como a posse de armas é racionalizada através de narrativas de proteção e compensação, reforçando a ideia de que as armas são ferramentas para a afirmação da identidade masculina.

Carlson (2015) identificou temas semelhantes em seu estudo qualitativo sobre proprietários de armas masculinos, sugerindo que as armas fornecem aos homens não apenas uma forma de se protegerem da violência, mas se tornam mais uma ferramenta para afirmar suas identidades masculinas e manter suas posições na sociedade. Esse estudo sugere que a posse de armas pode ser entendida como uma estratégia para lidar com inseguranças masculinas e para manter a hegemonia masculina em contextos onde os homens percebem ameaças às suas posições tradicionais de poder¹.

Além disso, condições econômicas em deterioração foram associadas ao aumento do sentimento pró-armas entre os homens. Tanto Carlson (2015) quanto Cassino, Besencassino (2020) relataram que a posse de armas tende a aumentar quando os homens percebem maiores ameaças pessoais ou econômicas. Isso sugere que a posse de armas pode ser uma resposta a sentimentos de vulnerabilidade e insegurança, reforçando a necessidade percebida de proteção e controle em tempos de incerteza.

Um aspecto relevante é a relação entre masculinidade e armas de fogo em áreas rurais. Gahman (2015) argumenta que, nesses contextos, as armas são frequentemente normalizadas como símbolos de proteção e autoconfiança, estando profundamente vinculadas às narrativas de identidade rural. Carrington e Scott (2008), por sua vez, destacam que as masculinidades rurais são historicamente valorizadas por meio de expressões de violência, muitas vezes associadas ao uso de armas. Brandth (2016) complementa ao sugerir que essa masculinidade rural é uma construção paterna, intimamente relacionada a atividades ao ar livre, como tiro e caça, as quais seriam fundamentais por representarem força e a manutenção das normas tradicionais de gênero no campo.

No Brasil as armas de fogo exercem um papel central na perpetuação dos conflitos rurais, frequentemente associados a disputas fundiárias e à reafirmação de masculinidades

¹ Algo similar foi encontrado por Santos (2021) em sua pesquisa em clubes de tiro. Segundo observou, a posse de armas de fogo não representava somente a possibilidade de proteção, mas sim mais uma demonstração de prestígio e poder. Ao desfilarem com suas armas pelos clubes de tiro em confraternizações, a comparação e exibição das armas era constante.

dominantes. Segundo Cukier e Sheptycki (2012), as armas de fogo no Brasil transcendem seu papel prático e se consolidam como símbolos culturais profundamente associados às identidades masculinas e ao exercício de poder, especialmente em conflitos rurais ligados a disputas fundiárias. A posse de armas reforça papéis tradicionais de gênero, funcionando como expressão de *status*, autoridade e virilidade entre os homens. Nesse contexto, as armas não apenas facilitam a violência, mas também servem como instrumentos simbólicos para resolver disputas e reafirmar o domínio masculino.

Para Ceccato e Ceccato (2017), as armas de fogo são frequentemente utilizadas em competição por recursos e terras, fomentando uma cultura de violência em que valores compartilhados legitimam a agressão. Nesse contexto, a violência é vista como um meio de afirmar poder e controle, especialmente entre os homens, reforçando as masculinidades dominantes e perpetuando normas de gênero que associam força e domínio às identidades masculinas em ambientes rurais.

2.2 - O paradigma da masculinidade frágil

A literatura científica tem documentado amplamente que a posse de armas de fogo pode atuar como um meio para os homens expressarem e reafirmarem sua masculinidade. Esta pode ser desafiada por diversos fatores, e o conceito de ameaça à masculinidade pode abranger desde desafios diretos e interpessoais até questões mais abstratas.

O Paradigma da Masculinidade Precária, proposto por Vandello *et al.* (2008), fornece um arcabouço teórico para entender essas dinâmicas. Segundo esse paradigma, a masculinidade é uma construção social que necessita de validação externa constante e precisa ser reafirmada continuamente. A natureza instável da masculinidade sugere que qualquer ameaça percebida à identidade masculina pode provocar uma reação comportamental intensa, frequentemente expressa por meio de agressividade e defesa exacerbada da masculinidade. Assim, atitudes como a posse de armas podem ser interpretadas como uma forma de restaurar ou fortalecer um *status* masculino que se sente ameaçado.

Os estudos empíricos corroboram esta teoria ao indicar que homens que enfrentam ameaças à sua masculinidade, como falhas percebidas em prover para suas famílias ou críticas ao seu comportamento de gênero, podem reagir de forma mais agressiva para reafirmar sua identidade (Bosson *et al.*, 2009; Dahl, Vescio, Weaver, 2015). Além disso, a pesquisa de Thompson (2023) demonstrou que uma ameaça à masculinidade pode resultar

em uma aceleração no comportamento de uso de armas de fogo entre homens com características de intensa valorização da masculinidade.

Para Warner *et al.* (2022) a análise das atitudes masculinas em relação às armas de fogo deve considerar não apenas as ameaças diretas à masculinidade, mas também a influência das ideologias culturais e sociais predominantes. O investimento em ideais masculinos estereotipados, como a necessidade de ser um protetor e um provedor, está frequentemente associado ao apoio a discursos que justificam a posse de armas como uma forma de proteção, em vez de uma resposta às dificuldades econômicas. Esses ideais estereotipados são sustentados por narrativas culturais que valorizam a posse de armas como uma expressão de poder e controle masculino, contribuindo para a normalização e a defesa da posse de armas.

A posse de armas de fogo por homens pode ser significativamente influenciada por ameaças percebidas à masculinidade, e que essas ameaças podem desencadear comportamentos agressivos e a busca por formas de reafirmação da identidade masculina (Kachel *et al.*, 2024). A natureza precária da masculinidade e a necessidade de validação contínua explicam em parte por que alguns homens podem recorrer a armas como um meio de afirmar sua masculinidade diante de desafios e ameaças percebidas (Borgogna; Mcdermott; Brasil, 2022).

2.3 - O feminino, as armas de fogo e o simbolismo

Embora os dados sobre violência armada evidenciem predominantemente a face masculina da violência, isso não implica que as mulheres estejam isentas de seus impactos. As mulheres enfrentam diretamente o feminicídio, muitas vezes perpetrado por parceiros masculinos. Além disso, as mulheres também lidam com as consequências do homicídio masculino dentro de suas famílias e são frequentemente ameaçadas e oprimidas por parceiros masculinos que possuem armas. Estudos demonstram que a presença de armas de fogo é um fator adicional de ameaça em contextos de violência doméstica (Farr *et al.*, 2002; Studdert *et al.*, 2022; Wintermute, Wright, Drake, 2003).

Como construção social, a masculinidade desempenha um papel essencial na formação das identidades individuais e coletivas. Em muitas culturas, as normas tradicionais de masculinidade estão associadas a ideais de força, controle e domínio. A conexão simbólica entre esses ideais e o uso de armas de fogo reforça padrões de comportamento e dinâmicas de poder. O patriarcado, enquanto sistema social, perpetua

essas normas de masculinidade e a hierarquia de poder, criando contextos onde a posse e o uso de armas de fogo se tornam símbolos de autoridade e poder (Moura; Barker, 2024).

As armas de fogo possuem não apenas uma função prática, mas também um significativo valor simbólico. Historicamente associadas à guerra e ao poder, elas contribuem para uma narrativa de masculinidade. A posse e o manuseio de armas podem ser utilizados pelos indivíduos para expressar e reforçar sua identidade, em conformidade com as expectativas sociais de gênero. Em determinados contextos, como em sociedades rurais, as armas são vistas como emblemas de proteção e masculinidade. Grupos de defesa dos direitos às armas promovem a noção de que possuir uma arma é um meio de reafirmar a masculinidade.

Além disso, a mídia desempenha um papel crucial na formação das percepções públicas sobre a masculinidade e na normalização do uso de armas. “Dos heróis de ação de Hollywood à retórica política, a imagem de homens musculosos e armados é perpetuada” (Santos; Moura, 2023). Isso também inclui estratégias de marketing direcionadas às mulheres, explorando temores e promovendo armas como um meio de empoderamento feminino.

Nos últimos anos, pesquisas e estudos têm sido realizados com o propósito de compreender a complexa relação entre gênero e armas, com foco não apenas na associação entre masculinidade e armas, mas também nas especificidades relacionadas às mulheres, principalmente nos efeitos que a presença de armas tem sobre elas (Geneva Declaration Secretariat, 2011; Shaw, 2013). Cada vez mais se defende que as diferenças de gênero na posse e no impacto das armas devem ser consideradas em políticas públicas e legislações sobre controle de armas (Small Arms Survey, 2024; South Eastern and Eastern Europe Clearinghouse for the Control of Small Arms and Light Weapons, 2007).

3. COM QUEM ESTÃO AS ARMAS DE FOGO NO BRASIL

3.1 - De 2003 a 2018 as pesquisas de Keinert (2006) e Santos (2021)

Não há muitas pesquisas realizadas no Brasil com o objetivo de conhecer mais sobre as pessoas que tinham ou estavam em busca de ter armas de fogo. As únicas encontradas com esse objetivo foram as conduzidas por Keinert (2006) e Santos (2021). Apesar de um intervalo de 12 anos entre as duas e das diferenças de amplitude, já que a de Keinert foi nacional e a de Santos restrita a um município, através da análise dos resultados

apresentados foi possível verificar similaridades nos resultados encontrados. A análise conjunta desses trabalhos permite um conhecimento melhor sobre as pessoas que estavam em busca de armas e por que as queriam.

O objetivo do estudo desenvolvido por Keinert (2006), de âmbito nacional, foi captar os valores e significados atribuídos às armas de fogo por seus proprietários. Para isso, elaborou-se um questionário com 37 perguntas, majoritariamente de múltipla escolha, incluindo campos para justificativas. Dentre 200.000 pessoas registradas no Sistema Nacional de Armas (Sinarm), foram escolhidos 6.000 nomes aleatoriamente, com a condição de representatividade igual por estado, exceto São Paulo, que teve o dobro de registros divididos entre a capital e o interior.

Os questionários foram enviados no formato Carta-Resposta, e a taxa de resposta foi inicialmente de 10,9% (655 respostas); após a exclusão de 1.067 questionários devolvidos por erros cadastrais, a taxa real foi de 13,2%, superior à média para esse tipo de pesquisa. Segundo o autor, através das respostas enviadas foi possível conhecer mais sobre quem eram as pessoas que possuíam armas de fogo. Por ter sido realizada logo após a entrada em vigor do Estatuto do Desarmamento (Brasil, 2003), no fim de 2003, é um trabalho que permite conhecer principalmente quem eram as pessoas que tinham armas de fogo durante o período de transição em que o Brasil passou de uma política de controle sobre armas de fogo mais permissiva para uma mais restritiva.

Já o trabalho desenvolvido por Santos (2021), apesar de também ter tido como objetivo conhecer mais sobre quem eram as pessoas que estavam em busca de armas de fogo, e de ter sido restrito a clubes de tiro no município de Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio de Janeiro, teve o foco mais voltado para os CACs (coleccionadores, atiradores e caçadores). Além de frequentar clubes de tiro na cidade — ocasião em que pôde fazer observações sobre as dinâmicas dos grupos de frequentadores —, o autor aplicou um questionário com 25 perguntas a frequentadores desses locais com o objetivo de saber mais sobre suas práticas e condições socioeconômicas. Foram respondidos 124 questionários, e, dentre os respondentes, todos frequentavam os clubes de tiro na cidade, mas quase metade (41,1%) residia em outras cidades da região.

Assim como o trabalho de Keinert, o de Santos também ocorreu em um momento de transição, só que em direção completamente oposta. Enquanto o de Keinert aconteceu logo após uma mudança para um controle mais restritivo, o de Santos ocorreu em meio a expectativas pela eleição de Jair Bolsonaro, que tinha como uma de suas principais bandeiras a facilitação do acesso a armas de fogo, o que realmente aconteceu.

Em razão das diferenças entre as perguntas aplicadas nos questionários das pesquisas, da época em que foram feitas e das diferenças de amplitude geográfica, foram selecionadas aquelas que têm maior relação entre si e que contribuem para saber se houve alguma variação e conseguir assim conhecer um pouco mais sobre as pessoas que foram em busca das armas de fogo. A seguir serão exibidas tabelas com informações sobre sexo, renda, cor autodeclarada, escolaridade, vitimização criminal, número de armas adquiridas e tipos de armas adquiridas.

Tabela 1: Sexo dos portadores de armas de fogo legalizadas no Brasil (Keinert, 2006) e em Campos dos Goytacazes-RJ (Santos, 2021).

Sexo	Keinert	Santos
Masculino	91.1%	88.7%
Feminino	5.0%	11.3%
Não declarado	3.8%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Adaptado de Keinert (2006) e Santos (2021).

Para Keinert (2006) a predominância quase absoluta dos homens entre os respondentes reforça a imagem da arma como um objeto tipicamente masculino, já existente no imaginário popular e que fortalece essa ligação entre armas e masculinidade. Para Santos (2021) o resultado já era esperado pelo que ele tinha observado no trabalho de campo nos clubes de tiro, onde (a) a presença masculina era predominante e (b) as mulheres presentes estavam sempre ligadas a um homem também presente.

Apesar dos movimentos da indústria armamentista, como a criação de modelos de armas específicos para o público feminino — a exemplo de armas com parte de suas estruturas pintadas de rosa ou de pistolas que caberiam em bolsas (Kahil, 2021) —, a verdade é que os homens continuam a ser o público predominante.

Tabela 2: Renda dos portadores de armas de fogo legalizadas no Brasil (Keinert, 2006) e em Campos dos Goytacazes-RJ (Santos, 2021).

Renda	Keinert	Santos
Até 1 salário mínimo	3,5%	5.6%
De 1 a 5 salários mínimos	20%	46%
De 5 a 10 salários mínimos	31.1%	23.4%
Mais de 10 salários mínimos	37.7%	25%
Não declarado	7.6%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Adaptado de Keinert (2006) e Santos (2021).

A tabela 2 apresenta uma variação ao longo do tempo. Enquanto na pesquisa de Keinert (2006) 68,7% dos respondentes declararam ter rendas acima de 5 salários mínimos, na pesquisa de Santos (2021) esse percentual cai para 48.4%, passando a maioria dos respondentes a serem os que recebiam rendas entre 0 e 5 salário mínimos, com um percentual de 51,6%.

Tabela 3: Cor ou raça (autodeclarada) dos portadores de armas de fogo legalizadas no Brasil (Keinert, 2006) e em Campos dos Goytacazes-RJ (Santos, 2021).

Cor	Keinert	Santos
Amarela	2.3%	1.6%
Branca	79.1%	65.3%
Parda	15.1%	29.8%
Preta	2.1%	1.6%
Indígena	0.3%	0.8%
Não declarado	1.1%	0.8%
Total	100%	100%

Fonte: Adaptado de Keinert (2006) e Santos (2021).

Na tabela 3 verifica-se que as pessoas autodeclaradas brancas seguem sendo a grande maioria daquelas que possuem armas de fogo e que as pessoas autodeclaradas pretas seguem sendo uma minoria ínfima com relação ao total. São dados importantes, principalmente porque segundo o anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), as pessoas negras são 77.9% das vítimas de homicídios no Brasil, com as brancas representando apenas 21,7% das vítimas.

Tabela 4: Escolaridade dos portadores de armas de fogo legalizadas no Brasil (Keinert, 2006) e em Campos dos Goytacazes-RJ (Santos, 2021).

Escolaridade	Keinert	Santos
Sem ensino	2.4%	0%
Ensino fundamental	20%	9.6%
Ensino médio	28.5%	48.4%
Ensino Superior	29.8%	27.4%
Pós-graduação	12.4%	14.6%
Não respondeu	6.9%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Adaptado de Keinert (2006) e Santos (2021).

Interessante observar na tabela 4 a melhoria no perfil educacional dos respondentes. Enquanto em 2006 20% declaravam ter no máximo o ensino fundamental e 28.5% o nível médio, na pesquisa de 2018 o percentual dos que declaram ter no máximo o nível fundamental cai pela metade, para 9.6%, enquanto os que declararam possuir nível médio quase dobrou, subindo para 48.4%.

São dados que podem ser resultado tanto de melhoras na escolaridade da população como também podem ocorrer em razão da pesquisa de Santos (2021) ter sido realizada em clubes de tiro, o que poderia ser uma das razões para essa diferença, mas que conjugadas com a tabela 2, apontam para a primeira hipótese, já que a renda das pessoas também teria mudado. De qualquer forma, é muito difícil a partir dos dados constantes dos estudos chegar a uma conclusão.

Tabela 5: Vítimas de crime entre os portadores de armas de fogo legalizadas no Brasil (Keinert, 2006) e em Campos dos Goytacazes-RJ (Santos, 2021).

Vítima de crime	Keinert	Santos
Sim	42.9%	46%
Não	55.7%	51.6%
Não respondeu	1.4%	2.4%
Total	100%	100%

Fonte: Adaptado de Keinert (2006) e Santos (2021).

Na tabela 5 é possível verificar a manutenção de patamares elevados de pessoas que foram vítimas de crimes. Como a defesa pessoal e da família é um dos motivos mais

apresentados como justificativa para aquisição de armas de fogo, é possível que estas experiências tenham sido motivadoras para aquisição. Por outro lado, metade dos respondentes declarou não ter sido vítima e é provável que tenham adquirido suas armas em razão da percepção da violência ao seu redor. De qualquer forma, é evidente que a insegurança pública tem impacto na procura por armas de fogo (Green; Marsh, 2016).

Tabela 6 : Quantidade de armas possuídas por cada portador(a) de armas de fogo legalizadas no Brasil (Keinert, 2006) e em Campos dos Goytacazes-RJ (Santos, 2021).

Quantidade de armas	Keinert	Santos
0	6.1%	24.2%
1	51.8%	32.3%
2	20.6%	21%
3	9.5%	6.5%
4	4.3%	5.6%
5	1.8%	2.4%
6	1.1%	0.8%
7 ou mais	3.5%	1.6%
Não respondeu	1.4%	5.6%
Total	100%	100%

Fonte: Adaptado de Keinert (2006) e Santos (2021).

Na tabela 6 a grande diferença entre as pesquisas é relacionada ao número de pessoas que declarou não possuir armas. Segundo Santos (2021) isso pode ter sido em razão de trâmites burocráticos para aquisição da primeira arma dos respondentes e também pelo custo das mesmas, o que poderia fazer com que frequentassem os clubes de tiro e utilizassem armas do clube. Porém, como o autor esclarece na própria pesquisa, dentre os que responderam não possuir armas, todos afirmaram que iriam adquirir ou já estavam no processo de aquisição.

Na pesquisa de Keinert (2006), como todos os respondentes já haviam adquirido armas de fogo e constavam no Sinarm, provavelmente se tratava de pessoas que podem ter tido suas armas extraviadas ou até mesmo revendidas sem a devida atualização do sistema, o que é uma evidência da fragilidade no controle.

Tabela 7: Tipos de armas possuídas pelos portadores de armas de fogo legalizadas no Brasil (Keinert, 2006) e em Campos dos Goytacazes-RJ (Santos, 2021).

Tipos de armas	Keinert	Santos
Armas curtas	62.4%	62.8%
Armas longas	36.7%	37.2%
Outras	0.9%	0%
Total	100%	100%

Fonte: Adaptado de Keinert (2006) e Santos (2021).

Na tabela 7 fica claro que a preferência por armas curtas como pistolas e revólveres se mantém com relação às armas longas, como rifles, espingardas e carabinas. A preferência por armas curtas pode ser um sinal de seu uso prioritário para segurança pessoal justamente pela sua maior mobilidade e praticidade no uso.

Tanto Keinert (2006) quanto Santos (2021) apontam para a relevância que a preocupação com a segurança pública tem como motivação para aquisição de armas de fogo. Segundo Santos (2021), 95% dos requerentes que solicitaram autorização para adquirir armas de fogo nos anos de 2017 e 2018 na Polícia Federal apresentaram como justificativa a necessidade de uma arma de fogo para proteção pessoal, um percentual acima do encontrado por Keinert (2006) que foi de 73%, mas que ainda assim confirma a insegurança pública como principal motivação para a posse de armas de fogo.

Outro ponto em comum nas pesquisas é o amplo apoio dos respondentes a políticas que facilitem o acesso a armas de fogo e munições, principalmente com relação ao porte de armas de fogo, que é a autorização para que a pessoa circule armada fora de sua residência. Na pesquisa de Santos (2021) esse apoio chegou aos 99% enquanto na de Keinert (2006) ficou em 84%.

Inclusive, com relação ao porte de armas de fogo, um dado importante que consta em ambas as pesquisas e que deve servir de alerta é o dado de que muitas pessoas circulam armadas pelas ruas mesmo sem terem autorização legal para tal, cometendo o crime de porte ilegal de arma de fogo. Segundo Keinert (2006) 25.8% dos respondentes afirmaram que mesmo sem terem o porte de armas, circulavam armados em áreas públicas ao menos um dia na semana. Para Santos (2021) o percentual foi menor, de 12.5%, mas o próprio autor afirma que esse número provavelmente é muito superior em razão do que observou ao frequentar os clubes de tiro.

Os dados e análises apresentados nas pesquisas permitem uma compreensão melhor sobre as razões que levaram as pessoas a adquirirem armas de fogo e quem são elas, porém, devido a escassez de dados públicos e baixa qualidade quando existem, é quase impossível acompanhar as mudanças no mercado legal de armas de fogo brasileiro, dependendo sempre do trabalho de pesquisadores. Os dados abertos existentes e disponíveis para consulta permitem saber pouco e a regra do sigilo de informações segue sendo a norma.

Porém, com a determinação do recadastramento obrigatório de armas adquiridas por CACs entre 2019 e 2023 surgiu a possibilidade de conhecer alguns detalhes sobre quem adquiriu armas nesse período, já que alguns dados sobre os requerentes foram disponibilizados. Dados importantes justamente por propiciarem conhecer um pouco sobre as pessoas adquiriram armas de fogo em um período marcado pela vigência de uma política mais permissiva e de grande procura por armas.

1.1 O recadastramento e novos dados de âmbito nacional

Em um dos primeiros atos assim que assumiu o governo, no início de 2023, o presidente Lula editou o decreto nº 11.366 (Brasil, 2023), que determinou o recadastramento obrigatório de todas as armas de fogo adquiridas por CACs entre maio de 2019 e dezembro de 2022, período em que vigoraram diversas medidas editadas pelo governo anterior que facilitaram o acesso da população a armas de fogo e munições.

O recadastramento foi encerrado em maio de 2023, e foram recadastradas 962.783 armas de fogo de diversos tipos e calibres. Além dos dados relativos às armas, também foram inseridos dados relacionados a quem adquiriu essas armas, e isso possibilitou conhecer um pouco mais sobre quem foi em busca das armas de fogo no período citado. O acesso ao banco de dados foi possível devido à Lei de Acesso à Informação e está disponível².

Apesar da grande quantidade de armas recadastradas, só foram disponibilizadas algumas informações, e estas foram compiladas e compartilhadas nas tabelas a seguir. Os principais dados referem-se a sexo, profissão, local de residência, tipo de arma e país de fabricação da arma.

² <https://buscalai.cgu.gov.br/PedidosLai/DetalhePedido?id=5917552>

Tabela 8: Sexo dos(as) portadores(as) de armas recadastradas com base no Decreto 11.366/2023.

Sexo	Percentual
Masculino	96.79%
Feminino	3%
Não declarado	0.21%

Fonte: Tabela elaborada pelo autor com dados obtidos via Lei de Acesso à Informação.

A tabela 8 confirma o que foi encontrado nas pesquisas de Keinert (2006) e Santos (2021): os homens continuam a ser os que mais adquirem armas de fogo, e, apesar dos discursos de que armas empoderam e protegem as mulheres — como feito por Lott (2003, p. 41), quando afirma que basta mostrar a posse de uma arma para afugentar criminosos —, elas seguem sem acreditar nessa narrativa e não estão em busca de armas. Talvez seja porque embora os homens sejam a maioria absoluta entre as vítimas de armas de fogo no país, o número de mulheres vítimas de feminicídios por disparo de armas de fogo, dentro de suas casas, no Brasil, é o triplo do número de homicídios de homens no mesmo local (Santos, 2021).

Studdert *et al.* (2022) afirmam o mesmo ao mostrarem que a presença de armas de fogo em uma residência aumenta em sete vezes a probabilidade de uma pessoa ser vítima de violência doméstica com uso desse tipo de arma.

Tabela 9: Escolaridade dos(as) portadores(as) de armas recadastradas com base no Decreto 11.366/2023.

Escolaridade	Percentual
Sem ensino	0.2%
Ensino Fundamental	8.5%
Ensino Médio	38.7%
Ensino Superior	41.3%
Pós-graduação	11.3%
Total	100%

Fonte: Elaborada pelo autor com dados obtidos via Lei de Acesso à Informação.

Na tabela 9 o nível de escolaridade obtido dos dados relativos ao recadastramento mostra um avanço no percentual de pessoas com o nível superior em comparação aos dados obtidos na pesquisa de Keinert (2006) — 29,8% . A pesquisa de Santos (2021),

apesar de ser muito mais restrita em termos geográficos, apresenta números parecidos — 27,4%. Houve também uma redução no número de pessoas que têm o nível médio, e isso pode estar relacionado ao aumento de pessoas com nível superior. Não há mudanças significativas com relação aos outros níveis de escolaridade.

Tabela 10: Atividade remunerada dos(as) portadores(as) de armas recadastradas com base no Decreto 11.366/2023.

Atividade	Percentual
Administrador	14%
Advocacia	4,5%
Técnico	4,2%
Trabalhador na agropecuária	7,5%
Comerciante	9%
Diretor	8%
Produtor agropecuária	9%
Engenheiro	6%
Gerente	4,5%
Outros	33,3%
Total	100%

Fonte: Elaborada pelo autor com dados obtidos via Lei de Acesso à Informação.

Dentre as dezenas de atividades remuneradas especificadas nos 962.783 cadastros renovados, foram agrupadas as que tiveram as maiores quantidades e colocadas na tabela 10. A grande presença de posições que exigem alta qualificação e ensino superior condiz com o encontrado nas pesquisas de Keinert (2006) e na de Santos (2021), mesmo com sua restrição geográfica. Na primeira, a soma de pessoas indicadas como profissionais liberais chegava a 18%, e a dos comerciantes, a 9,5%. Na segunda, o conjunto de comerciantes e empresários ficou em 25,8%.

Porém, algo que chamou a atenção nos dados obtidos é o número expressivo de trabalhadores na agropecuária, com 7,5%, e produtores agropecuários, com 9%. Somados, chegam ao total de 16,5% e mostram que muitas armas estão em circulação em áreas rurais. Foram cerca de 158.000 armas adquiridas por pessoas com atividade remunerada ligada a áreas rurais do país.

Tabela 11: Região do Brasil onde foram registradas as armas recadastradas com base no Decreto 11.366/2023.

Região do país	Percentual do total de armas recadastradas	Percentual da população brasileira segundo o IBGE
Sudeste	35%	41,7%
Sul	32%	14,7%
Centro-Oeste	17,5%	8%
Nordeste	9,5%	27%
Norte	6%	8,6%
Total	100%	100%

Fonte: Elaborada pelo autor com dados obtidos via Lei de Acesso à Informação.

Os dados da tabela 11 relativos à região onde as armas foram registradas podem ser um outro indicativo de que áreas rurais se armaram. As regiões sul e centro-oeste do país, que se caracterizam por uma forte presença do agronegócio, foram proporcionalmente as regiões onde mais se adquiriram armas de fogo. Apesar de a região Sul já ter um histórico relacionado a armas de fogo (Alt, 2023), o número de armas adquiridas e recadastradas na região foi alto comparado a outras regiões do país. Com apenas 14,7% da população segundo dados do IBGE³, a região Sul foi destino de 32% das armas recadastradas.

O mesmo ocorreu com a região Centro-Oeste, com o diferencial de não ser uma região onde historicamente a aquisição de armas foi alta, mas onde houve uma grande procura. Com apenas 8% da população nacional, foi destino de 17,5% das armas recadastradas. Destaque para a região Nordeste, que, mesmo com 26,9% da população, foi destino de apenas 9,5% das armas. As regiões Sudeste, com 41,7% da população, e Norte, com 8,54%, tiveram proporções próximas.

³ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>

Tabela 12: Municípios onde as armas foram recadastradas com base no Decreto 11.366/2023 e respectivos percentuais sobre o total de armas e o total da população.

Municípios com maiores números de armas	Região	Percentual do total de armas recadastradas	Percentual da população brasileira segundo o IBGE
São Paulo	Sudeste	4,96%	5,63%
Brasília	Centro-Oeste	2,64%	1,39%
Goiânia	Centro-Oeste	2,05%	0,71%
Curitiba	Sul	1,42%	0,87%
Belo Horizonte	Sudeste	0,97%	1,14%
Rio de Janeiro	Sudeste	0,86%	3,06%
Uberlândia	Sudeste	0,75%	0,35%
Caxias do Sul	Sul	0,74%	0,23%
Porto Alegre	Sul	0,73%	0,65%
Manaus	Norte	0,71%	1,01%
Campinas	Sudeste	0,70%	0,56%
Fortaleza	Nordeste	0,68%	1,19%
Rio Verde	Centro-Oeste	0,63%	0,11%
Ribeirão Preto	Sudeste	0,57%	0,34%
Jataí	Centro-Oeste	0,56%	0,05%
Londrina	Sul	0,52%	0,27%
Blumenau	Sul	0,48%	0,18%
Joinville	Sul	0,47%	0,30%
Cuiabá	Centro-Oeste	0,46%	0,32%
Recife	Nordeste	0,45%	0,73%
Maceió	Nordeste	0,43%	0,47%
Jundiá	Sudeste	0,43%	0,22%
Maringá	Sul	0,42%	0,20%
Sorocaba	Sudeste	0,41%	0,36%
Guarulhos	Sudeste	0,40%	0,64%
Chapecó	Sul	0,40%	0,12%
Salvador	Nordeste	0,39%	1,19%
Dourados	Centro-Oeste	0,38%	0,12%
Passo Fundo	Sul	0,38%	0,10%
Guarapuava	Sul	0,34%	0,09%

Fonte: Elaborada pelo autor com dados obtidos via Lei de Acesso à Informação e com base nos dados disponíveis no IBGE – Cidades e Estados do Brasil⁴.

⁴ <https://cidades.ibge.gov.br/>

Na tabela 12 o objetivo foi apresentar os municípios que tiveram mais armas recadastradas e assim saber onde está grande parte das armas de fogo que entraram em circulação nos últimos anos. Para facilitar a compreensão, os dados foram convertidos em percentuais levando em conta o percentual das armas recadastradas e o percentual relativo ao total da população brasileira segundo o IBGE. Por exemplo, 4,96% das armas recadastradas estavam na cidade de São Paulo, que tem 5,63% da população brasileira segundo o IBGE.

Das 30 cidades com mais armas recadastradas, apenas 13 são capitais dos seus estados; e dentre as 17 restantes há cidades de grande porte, como Guarulhos; de médio porte, como Sorocaba, e até de pequeno porte, como Jataí. Ao comparar os percentuais, observa-se que Jataí, uma cidade com 0,05% da população do país, teve 0,56% do total de armas recadastradas. Ficou com proporções superiores às de Salvador por exemplo, que tem uma população mais de 20 vezes maior, com 1,19% da população do país, e que teve apenas 0,39% das armas recadastradas.

Jataí situa-se na região Centro-Oeste do país, que, como visto na tabela 11, foi uma das regiões onde houve grande procura por armas de fogo entre 2019 e 2023. Segundo o site da prefeitura da cidade⁵, o município é referência nacional em produção de soja, milho, leite e etanol, sendo um importante polo do agronegócio na região. Além de Jataí, entre as três cidades que tiveram mais armas recadastradas, há mais duas da mesma região: Brasília e Goiânia. Brasília com 1,39% da população, teve 2,64% das armas recadastradas, e Goiânia, com 0,71%, teve 2,05% das armas. As seis cidades da região Centro-Oeste que constam na tabela tiveram percentuais de armas recadastradas superiores aos seus percentuais com relação ao total da população brasileira.

O mesmo ocorre com as cidades da região Sul do país: das dez cidades inseridas, todas tiveram percentuais de armas acima dos percentuais populacionais. Porém, com relação à cidade de Porto Alegre, a diferença foi pequena, sendo destaque os números de cidades menores como Passo Fundo (RS) e Guarapuava (PR), que tiveram grandes diferenças nos percentuais. Na região Sudeste, enquanto capitais como São Paulo e Belo Horizonte tiveram percentuais de armas recadastradas menores que seus percentuais da população, outras cidades tiveram percentuais maiores de armas, como Campinas, Ribeirão

⁵ <https://www.jatai.go.gov.br/>

Preto e Jundiá. O destaque fica para a cidade do Rio de Janeiro, que, com 3,06% da população, teve apenas 0,86% das armas recadastradas.

Assim como visto na tabela 11, as regiões Norte e Nordeste tiveram baixa procura por armas de fogo entre 2019 e 2023, e as cidades das regiões que constam da tabela são todas capitais dos seus respectivos estados e concentram grandes populações. Mesmo assim, em todas os percentuais de armas recadastradas foram inferiores aos percentuais populacionais.

Ao mostrar como armas de fogo foram adquiridas para regiões muito ligadas ao agronegócio e que elas não foram parar somente nas grandes cidades e capitais, tendo chegado em grande número também a cidades de médio e pequeno porte, os dados contidos na tabela 12 parecem confirmar o que já havia aparecido nas tabelas 11 e 10, ou seja, que as regiões mais ligadas ao agronegócio foram alguns dos locais onde mais se adquiriram armas de fogo entre 2019 e 2023.

Tabela 13 — Tipos de armas recadastradas com base no Decreto 11.366/2023:

Tipos	Percentual
Armas curtas	63,7%
Armas longas	29%
Outras	7,3%

Fonte: Elaborada pelo autor com dados obtidos via Lei de Acesso à Informação.

Na tabela 13 é possível verificar que a preferência segue pelas armas curtas, com percentuais muito parecidos aos encontrados anteriormente (de 62,4% e de 62,8%). A proporção de armas longas adquiridas segue em patamar de cerca de um terço do mercado legal. Isso pode ser um indicativo de que mesmo que tenha havido uma busca maior por armas de fogo em áreas rurais, isso não parece ter mudado o tipo de armas adquiridas, já que não houve crescimento percentual de armas longas. Trata-se de um dado interessante, tendo em vista que é muito mais comum a aquisição de armas longas em áreas rurais, seja pela necessidade de uso na atividade de caça ou pelas distâncias maiores em caso de uso para defesa. Pode ser um indicativo de que mesmo nas áreas rurais a preferência tenha sido por armas curtas, mais adequadas à defesa pessoal a curtas distâncias.

Tabela 14 — Origem das armas de fogo recadastradas com base no Decreto 11.366/2023:

País de origem	Percentual
Brasil	82%
Áustria	6,2%
Estados Unidos	5%
Outros	6,8%
Total	100%

Fonte: Elaborada pelo autor com dados obtidos via Lei de Acesso à Informação.

A tabela 14 apresenta os países de origem das armas de fogo recadastradas. A indústria nacional segue com um quase monopólio do mercado interno. Desde 1965 havia uma proteção da indústria armamentista nacional, e a partir de 2019 isso foi modificado pelo governo de então. A importação de armas de fogo parece ter crescido no período, mas nada que ameace, por enquanto, a indústria nacional, que é capitaneada pelo complexo da CBC⁶-Taurus⁷, as maiores fabricantes de armas e munições do país.

Esses foram os dados disponibilizados que puderam ser extraídos para análise. Não permitiram uma observação mais profunda como as feitas nas pesquisas de Keinert (2006) e Santos (2021) em seus respectivos âmbitos, mas possibilitaram um vislumbre do que ocorreu e ter algumas impressões. As armas de fogo seguem sendo adquiridas em grandes quantidades (Santos, Marques, Bohnenberger, 2024), e mesmo com o retorno de uma política mais restritiva no governo Lula não se pode vislumbrar uma queda na demanda futura.

Um ponto importante extraído dos dados é o que aponta para a possibilidade de muitas armas terem sido adquiridas em áreas rurais. O Brasil sofre há décadas com conflitos no campo, e a violência tem sido uma constante nesses cenários. Adicionar centenas de milhares de armas e esse contexto tem o potencial de aumentar de forma imprevisível a violência no campo.

⁶ <https://www.cbc.com.br/>

⁷ <https://taurusarmas.com.br/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo investigou os indivíduos que adquiriram armas de fogo no Brasil nas últimas décadas, explorando as razões que motivam essa escolha. A análise revelou que a compra de armas está fortemente associada à reafirmação de status e à manutenção de privilégios, com os homens permanecendo como os principais compradores. Esse comportamento reflete um fenômeno mais amplo: a tentativa de restaurar os papéis masculinos tradicionais diante de uma percepção de perda de privilégios. A pesquisa aponta que essa resposta não é apenas pessoal, mas profundamente influenciada por dinâmicas culturais, econômicas e sociais que moldam a identidade masculina. Nesse contexto, as armas de fogo frequentemente surgem como um símbolo tangível para recuperar esses ideais, funcionando como uma conexão com uma masculinidade idealizada do passado.

Ao examinar as pesquisas de Keinert (2006) e Santos (2021), foi possível aprofundar o conhecimento sobre o perfil dos possuidores e interessados em armas de fogo, destacando a importância desses estudos em um contexto de escassez de dados públicos de qualidade e informações consolidadas. A pesquisa científica emerge como importante alternativa para entender melhor o mercado legal de armas de fogo no país, uma vez que dados públicos fornecidos por instituições como a Polícia Federal abordam as armas, mas não os compradores. No entanto, o recadastramento de armas realizado em 2023, que incluiu o preenchimento de alguns dados pessoais pelos proprietários, permitiu uma compreensão mais detalhada sobre esses indivíduos.

Uma descoberta importante deste estudo foi a identificação de que uma parcela considerável das armas adquiridas por CACs entre 2019 e 2022 foi feita em regiões onde há grande presença do agronegócio e prevalência de áreas rurais. O elevado número de compradores ligados à agropecuária e a alta demanda por armas em regiões associadas ao agronegócio sugerem uma potencial intensificação de um cenário já historicamente violento. O conflito fundiário no Brasil é caracterizado por disputas intensas entre pequenos agricultores, indígenas, quilombolas, movimentos sociais, empresas agroindustriais e o Estado, sendo alimentado por fatores como a desigualdade na distribuição de terras, a ausência de uma política agrária efetiva e a falência de mecanismos legais que garantam a posse e o uso justo da terra. A concentração fundiária, uma mazela no cenário agrário nacional (Boas, 2018), é agravada pela expansão do agronegócio e pela especulação imobiliária, resultando em violência, despejos forçados e degradação ambiental. A

introdução de um grande número de armas de fogo neste contexto pode exacerbar ainda mais a violência.

Este estudo corrobora alguns dos achados de McDermott *et al.* (2021), que apontam para uma correlação positiva significativa entre a posse de armas, ser branco, do sexo masculino, politicamente conservador e a adesão a normas masculinas que enfatizam a violência, a tomada de riscos e o poder sobre as mulheres. Esses achados sugerem que a posse de armas de fogo não é apenas uma prática individual, mas está entrelaçada com construções sociais mais amplas de raça, gênero e ideologia política. Essa ideologia política também foi observada por Santos (2021) no perfil conservador dos frequentadores de clubes de tiro.

Apesar da informação de que os homens do campo se armaram, isso não é exatamente uma novidade. Historicamente associadas à guerra e ao poder, as armas de fogo contribuem para a reafirmação da masculinidade, sendo vistas como símbolos de proteção e poder em áreas rurais. Nos últimos anos, essa tendência se confirmou no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALT, Pedro. (2023). RS lidera ranking de cidadãos armados: “histórico de violência”, explicam especialistas. *Humanista*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2023/08/08/registro-de-armas-rs-lidera-ranking-cidadaos-armados/>. Acesso em: 31 jul. 2024
- BARDIN, Laurence. (2016). *Análise de Conteúdo*. Lisboa Edições.
- BOAS, Lucas. G. V. (2018). Considerações sobre a concentração fundiária no Brasil. *Revista Georaguia*, V. 8, n. 1, p.32-54. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/6982>. Acesso em: 26 ago 2024.
- BORGOGNA, Nicholas Croft; MCDERMOTT, Ryon; BRASIL, Kyle M. (2022). The Precarious Masculinity of Firearm Ownership. *Psychology of Men & Masculinities*, v. 23, n. 2, p. 173-182. <https://doi.org/10.1037/men0000386>
- BOSSON, Jennifer K. *et al.* (2009). Precarious manhood and displays of physical aggression. *Personality & Social Psychology Bulletin*, v. 35, n. 5, p. 623-634. <https://doi.org/10.1177/0146167208331161>
- BRANDTH, Berit. (2016). Rural masculinities and fathering practices. *Gender, Place & Culture*, v. 23, n. 3, p. 435-450. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2015.1013454>.
- BRASIL. (2003). Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003. Dispõe sobre registro, posse e comercialização de armas de fogo e munição, sobre o Sistema Nacional de Armas – Sinarm, define crimes e dá outras providências. Brasília: Presidência da República.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.826.htm. Acesso em: 31 ago. 2024.

BRASIL. (2023). Decreto nº 11.366, de 1º de janeiro de 2023. Suspende os registros para a aquisição e transferência de armas e de munições de uso restrito por caçadores, colecionadores, atiradores e particulares, restringe os quantitativos de aquisição de armas e de munições de uso permitido, suspende a concessão de novos registros de clubes e de escolas de tiro, suspende a concessão de novos registros de colecionadores, de atiradores e de caçadores, e institui grupo de trabalho para apresentar nova regulamentação à Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003. Brasília: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11366.htm. Acesso em: 31 ago. 2024.

CARLSON, Jennifer. (2015). Mourning Mayberry: Guns, Masculinity, and Socioeconomic Decline. *Gender and Society*, v. 29, n. 3, p. 386-409. <https://doi.org/10.1177/0891243214554799>

CARRINGTON, Kerry; SCOTT, John. (2008). Masculinity, Rurality And Violence. *The British Journal of Criminology*, v. 48, n. 5, p. 641-666. <https://doi.org/10.1093/bjc/azn031>.

CASSINO, Dan; BESEN-CASSINO, Yasemin. (2020). Sometimes (but Not This Time), a Gun Is Just a Gun: Masculinity Threat and Guns in the United States, 1999–2018. *Sociological Forum*, v. 35, n. 1, p. 5-23. <https://doi.org/10.1111/socf.12565>

CECCATO, Vania; CECCATO, Heloise. (2017). Violence in the Rural Global South: Trends, Patterns, and Tales From the Brazilian Countryside. *Criminal Justice Review*, v. 42, n. 3, p. 270-290. <https://doi.org/10.1177/0734016817724504>.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (Coord.). (2023). Atlas da Violência 2023. Ipea; FBSP. Brasília. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/12/atlas-da-violencia-2023.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

CRESWELL, John W.. (2014). Research Design: Qualitative, Quantitative, and mixed Methods Approaches. Sage.

CUKIER, Wendy; SHEPTYCKI, James. (2012). Globalization of gun culture transnational reflections on pistolization and masculinity, flows and resistance. *International Journal of Law, Crime and Justice*, v. 40, n. 1, p. 3-19. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcrj.2011.09.001>

DAHL, Julia; VESCIO, Theresa; WEAVER, Kevin. (2015). How threats to masculinity sequentially cause public discomfort, anger, and ideological dominance over women. *Social Psychology*, v. 46, n. 4, p. 242-254. <https://doi.org/10.1027/1864-9335/a000248>

FARR, Vanessa A. *et al.* (2002). Gender perspectives on small arms and light weapons: Regional and international concerns (No.24). Bonn International Centre for Conversion. Disponível em: <https://www.bicc.de/Publications/Report/Gender-perspectives-on-small-arms-and-light-weapons--Regional-and-international-concerns/pu/12668>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION. (2021). Crime in the United States: Murder Victims by Weapon 2015-2019. Federal Bureau of Investigation. Washington, 2021. Disponível em: <https://ucr.fbi.gov/crime-in-the-u.s/2019/crime-in-the-u.s.-2019/tables/expanded-homicide-data-table-8.xls>. Acesso em: 29 jul. 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. (2022). Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo. Disponível

em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

GAHMAN, Levi. (2015). Gun rites: hegemonic masculinity and neoliberal ideology in rural Kansas. *Gender Place and Culture*, v. 22, n. 9, p. 1203-1219. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2014.970137>

GENEVA DECLARATION SECRETARIAT. (2011). *Global Burden of Armed Violence 2011: Lethal Encounters*. Cambridge University Press. Disponível em: https://www.smallarmssurvey.org/sites/default/files/resources/GBAV2011_WEB-full-report-REV.pdf. Acesso em: 30 jul. 2024.

GIL, Antonio Carlos. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.

GREEN, Owen; MARSH, Nicholas. (2016). A violência armada em sociedades não envolvidas em conflitos violentos. In: MOURA, Tatiana; PUREZA, José Manuel; SANTOS, Rita. *Violências e armas de fogo em Portugal*. Coimbra: Livraria Almedina, p. 31-86.

GRINSHTEYN, Erin; HEMENWAY, David. (2016). Violent Death Rates: The US Compared with Other High-income OECD Countries, 2010. *American Journal of Medicine*, v. 129, n. 3. <https://doi.org/10.1016/j.amjmed.2015.10.025>

INSTITUTO SOU DA PAZ. (2023). *Onde mora a impunidade? Sou da Paz*. São Paulo. Disponível em: <https://lp.soudapaz.org/onde-mora-a-impunidade23>. Acesso em: 29 jul. 2024.

KACHEL, Sven *et al.* (2024). Gaining masculine power through guns? The impact of masculinity threat on attitudes toward guns. *Frontiers in Psychology*, v. 15.

KAHIL, Gustavo. (2021). Taurus lança revólver rosa e com flores para o Dia da Mulher. Moneytimes. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/taurus-lanca-revolver-rosa-e-com-flores-para-o-dia-da-mulher/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

KEINERT, Ruben Cesar. (2006). *Valores e Significados Atribuídos às Armas de Fogo por Cidadãos Proprietários e por Detentores do Porte de Armas*. Ministério da Justiça. Brasília. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/2268/1/valores-e-significados-atribuidos-as-armas-de-fogo-por-cidadaos-proprietarios-e-por-detentores.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2024.

LEVANT, Ronald F.; HALL, Rosalie J.; RANKIN, Thomas J. (2013) Male Role Norms Inventory-Short Form (MRNI-SF): Development, confirmatory factor analytic investigation of structure, and measurement invariance across gender. *Journal of counseling psychology*, v. 60, n. 2, p. 228-238. <https://doi.org/10.1037/a0031545>

LEVANT, Ronald F.; RICHMOND, Katherine. (2016). The gender role strain paradigm and masculinity ideologies. In WONG, Y. J.; WESTER, S. R. (Eds.), *APA handbook of men and masculinities*. American Psychological Association p. 23–49. <https://doi.org/10.1037/14594-002>

LOTT, John R. (2003). *The Bias Against Guns: Why Almost Everything You've Heard About Gun Control Is Wrong*. Regnery Publishing.

MATSON, Kristen; RUSSELL, Tiffany D.; KING, Alan R. (2019) Gun Enthusiasm, Hypermasculinity, Manhood Honor, and Lifetime Aggression. *Journal of Aggression*,

Maltreatment & Trauma, v. 28, n. 3, p. 369-383.
<https://doi.org/10.1080/10926771.2017.1420722>

MCDERMOTT, Ryon C. *et al* (2021). Associations between men's and women's conformity to masculine role norms and firearm ownership: Contributions beyond, race, gender, and political ideology. *Psychology of Men & Masculinities*, v. 22, n. 2, p. 227–237.
<https://doi.org/10.1037/men0000341>.

MELZER, Scott. (2009). *Gun Crusaders: The NRA's Culture War*. NYU Press.

MOURA, Tatiana; BARKER, Gary, no prelo. (2024). Man with a Gun: Masculinities, Firearms and Violence in Global Context. *In: INTERNATIONAL Handbook on Social and Gun Violence*. De Gruyter Publishers.

MOURA, Tatiana; PUREZA, José Manuel; SANTOS, Rita. (2018). *Violências e armas de fogo em Portugal*. Leya.

O'NEILL, Kevin Lewis. (2007). Armed Citizens and the Stories They Tell: The National Rifle Association's Achievement of Terror and Masculinity. *Men and Masculinities*, v. 9, n. 4, p. 457-475, 2007. <https://doi.org/10.1177/1097184X05281390>

SANTOS, Roberto U. de O.; MARQUES, David; BOHNENBERGER, Marina. (2024). Número de armas no Brasil volta a crescer em 2023 e PF terá que fiscalizar ao menos 4.8 milhões de armas de fogo a partir de 2025. Fonte Segura. Disponível em: <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/numero-de-armas-no-brasil-volta-a-crescer-em-2023-e-pf-tera-que-fiscalizar-ao-menos-48-milhoes-de-armas-de-fogo-a-partir-de-2025/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SANTOS, Roberto U. de O.; MOURA, Tatiana. (2023). Masculinidades Frágeis e violência no espaço privado: Desmascarando o mito das armas como proteção. Fonte Segura. Disponível em: <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/masculinidades-frageis-e-violencia-no-espaco-privado-desmascarando-o-mito-das-armas-como-protECAo/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SANTOS, Roberto Uchôa de Oliveira. (2021). *Armas para Quem? A busca por armas de fogo*. Editora Dialética.

SCAPTURA, Maria N.; BOYLE, Kaitlin M. (2022). Protecting Manhood: Race, Class, and Masculinity in Men's Attraction to Guns and Aggression. *Men and Masculinities*, v. 25, n. 3, p. 355-376, 2022. <https://doi.org/10.1177/1097184X211023545>

SHAW, Margareth. (2013). Too close to home: Guns and intimate partner violence. Small Arms Survey. Disponível em: <https://www.smallarmssurvey.org/sites/default/files/resources/Small-Arms-Survey-2013-Chapter-2-EN.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SMALL ARMS SURVEY. (2024). Annual Report 2023. Small Arms Survey. Disponível em: <https://www.smallarmssurvey.org/sites/default/files/resources/SAS-Report-2024-Annual-Report-2023-EN.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SOUTH EASTERN AND EASTERN EUROPE CLEARINGHOUSE FOR THE CONTROL OF SMALL ARMS AND LIGHT WEAPONS [SEESAC]. (2007). Literature Review on Children and Risk-Taking: Implications for Education on Small Arms. Disponível em: <https://www.seesac.org/ff/docs/SALW-and-ChildrenYouth/Literature-Review-on-Children-and-Risk-Taking-Implications-for-Edu.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

STANGE, Mary Zeiss; OYSTER, Carol K. (2000). *Gun Women: Firearms and Feminism in Contemporary America*. NYU Press.

STROUD, Angela. (2012). Good Guys With Guns: Hegemonic Masculinity and Concealed Handguns. *Gender & Society*, v. 26, n. 2, p. 216-238.
<https://doi.org/10.1177/0891243211434612>

STUDDERT, David *et al.* (2022). Homicide Deaths Among Adult Cohabitants of Handgun Owners in California, 2004 to 2016. *Annals of Internal Medicine*, v. 175, n. 6, p. 804-812, 2022. <https://doi.org/10.7326/M21-3762>

THOMPSON, Justine S. (2023). *Do Threats to Masculinity Predict Increased Firearm-Related Aggression in Men?* 67 p Dissertação (Master of Science) - Florida State University, Florida. Disponível em: <https://diginole.lib.fsu.edu/islandora/object/fsu:887402>. Acesso em: 31 jul. 2024.

VANDELLO, Joseph A. *et al.* (2008). Precarious manhood. *J Pers Soc Psychol*, v. 95, n. 6, p. 1325-1339. <https://doi.org/10.1037/a0012453>

WARNER, Tara D. *et al.* (2022). To Provide or Protect? Masculinity, Economic Precarity, and Protective Gun Ownership in the United States. *Sociological Perspectives*, v. 65, n. 1, p. 97-118. <https://doi.org/10.1177/0731121421998406>

WINTERMUTE, Garen J.; WRIGHT, Mona A.; DRAKE, Christiana M. (2003). Increased risk of intimate partner homicide among California women who purchase handguns. *Annals of Emergency Medicine*, v. 41, n. 2, p. 281-283. <https://doi.org/10.1067/mem.2003.66>

Roberto Uchôa de Oliveira Santos

Doutorando em Democracia do Século XXI no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, mestre em Sociologia Política e conselheiro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.